

Espiritismo - Como tudo começou

Final

“As leis que regem o mundo Espiritual estavam, para a humanidade, na escuridão da ignorância. Deus disse: Faça-se Allan Kardec! E tudo tornou-se luz..”¹

Sandro Cosso - Campinas/SP

A Base da Doutrina

“Um dos primeiros resultados das minhas observações foi saber que, sendo os Espíritos as almas dos homens, não possuíam a soberana sabedoria, nem a soberana ciência, e que o seu saber era limitado ao grau de adiantamento, assim como a sua opinião só tinha o valor de opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o princípio, preservou-me do perigo de acreditar na infalibilidade deles e livrou-me de formular teorias prematuras sobre os ditados de um ou de alguns.

O fato apenas de comunicação com os Espíritos, independente do que eles pudessem dizer, provava a existência do mundo invisível: ponto capital, campo imenso aberto às nossas explorações, chave de uma multidão de fenômenos inexplicados. O segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado desse mundo e os seus costumes, se assim me posso exprimir. Vi logo que cada Espírito, segundo a sua posição e conhecimentos, me patenteava uma fase daquele mundo, do mesmo modo como se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes de todas as classes e condições, podendo cada um ensinar-nos alguma coisa e ne-

nhum, individualmente, ensinar tudo.

Incumbe ao observador formar o conjunto, coordenando, colecionando e conferindo, uns com os outros, documentos que tenha recolhido. Procedi com os Espíritos como teria feito com os homens; considerei-os, desde o menor até ao maior, como elementos de instrução e não como **reveladores predeterminados**.

Foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remoídas no silêncio da meditação, que formulei a 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*.

Tais foram as disposições com que empreendi e com que sempre segui os estudos espíritas: observar, comparar e julgar, essa foi a regra invariável que me impus.

As sessões da casa do Sr. Baudin nunca tinham tido fim determinado: procurei, nelas, resolver problemas que me interessavam sobre filosofia, psicologia e natureza do mundo invisível. Em cada sessão, apresentava uma série de per-

guntas preparadas e metodicamente arranjadas, e tinha sempre respostas precisas, profundas e lógicas. As reuniões tomaram, então, outro caráter. Entre os assistentes achavam-se pessoas sérias, que tomaram vivo interesse pelo meu estudo, e se me acontecia faltar um dia, nenhum trabalho se fazia. As questões fúteis tinham perdido todo o atrativo para a maior parte. A princípio não tive em vista senão a minha própria instrução, mais tarde, porém, quando vi que formava um núcleo em torno do qual os trabalhos tomavam as proporções de uma doutrina, pensei em torná-los públicos para a instrução de todos. Foram aquelas questões, desenvolvidas e completadas, que constituíram a base de *O Livro dos Espíritos*.

No ano seguinte, em 1856, acompanhei, também, as reuniões espíritas da Rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, sonâmbula. Essas reuniões eram sérias e ordeiras. O meu trabalho estava quase acabado e dava para um livro; mas eu quis revê-lo com outros Espíritos, mediante outros médiuns. Tive o pensamento de fazer dele objeto de estudo para as sessões do Sr. Roustan; mas no fim de algumas sessões, os Espíritos disseram que preferiam revê-lo na intimidade e marcaram para este efeito certos

dias, em que trabalhariam com a Srta. Japhet, a fim de o fazerem com mais calma e mesmo para evitar indiscrições e comentários prematuros do público. Não me contentei com essa verificação que os próprios Espíritos me recomendaram.

Tendo-me relacionado com outros médiuns, sempre que se me oferecia ocasião, aproveitava-a para propor algumas das perguntas, que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram a sua assistência ao trabalho e foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remoídas no silêncio da meditação, que formulei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* (501 perguntas na 1ª edição), aparecida a 18 de abril de 1857.

No fim daquele ano, as duas Baudin casaram; as reuniões não se realizaram mais e a família dispersou-se. Mas, então, as minhas relações começavam a estender-se e os Espíritos multiplicaram-me os meios para obter os ulteriores trabalhos". (Fonte: *Obras Póstumas* - pag. 201-206 - 9ª edição. LAKE).

O nome Allan Kardec

Para a publicação das obras espíritas, objetivando distingui-las das que produzira pelo seu próprio saber como pedagogo, adotou o pseudônimo de Allan Kardec, nome que, conforme revelação feita, usara em encarnação anterior, ainda em solo francês, ao tempo dos druidas.

Como foi essa revelação?

Foi na casa da família Baudin.

"(...) - Vou contar-lhe a história d'O LIVRO desde o princípio,

diz Caroline. **Zéfiro**, nosso Espírito Familiar, no início das manifestações, riscava na lousa as respostas às consultas dos consulentes.

Observar, comparar e julgar, essa foi a regra invariável que me impus.

Na hora das sessões, nossa casa enchia-se de curiosos, apresentados por amigos de papai. O trabalho realizava-se num ambiente de alegria, sem qualquer formalismo e dando-se entrada aos retardatários. Para evitar a fadiga, eu revezava com Julie ou mamãe. Durante a escrita na lousa, reinava relativo silêncio. Após a leitura da resposta, feita geralmente por papai, seguiam-se os comentários, em voz alta e social, nos mais diversos tons, segundo o espanto de uns e o contentamento de outros. Zéfiro gostava de pelheiriar e alfinetar os consulentes antes de lhes dar conselho. Recebia os novatos com uma frase amena, a fim de os deixar logo à vontade. E nunca perdia o ensejo de instruir a sociedade, ainda, quando divertia com certas respostas. Uma noite veio o Professor com Madame Rivail. Nosso guia os recebeu amistosamente, saudando o professor com estas palavras:

- "Salve, caro Pontífice, três vezes salve!"

Lida em voz alta a saudação, todos rimos. Para nós, Zéfiro estava pilheirando. Papai, então, explicou ao Professor o costume do Espírito Familiar apelidar quase todos os visitantes. O senhor Rivail não se agastou e respondeu ao guia, sorrindo:

- "Minha bênção apostólica, prezado filho".

Nova risada geral. Zéfiro, porém, respondeu ter feito uma sau-

dação respeitosa, a um verdadeiro pontífice, pois Rivail, havia sido, no tempo de Júlio César, um chefe druidico. Isso fez minha família simpaticizar prontamente com o Professor, visto como, também nós, segundo Zéfiro, havíamos vivido na Gália naquela mesma época e eu fui druidesa..." (Fonte: *O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica* - Canuto de Abreu - Ed. LFU. pag. 99).

As obras básicas do Espiritismo são:

1857 ⇒ *O Livro dos Espíritos*

1861 ⇒ *O Livro dos Médiuns*

1864 ⇒ *O Evangelho Segundo o Espiritismo*

1865 ⇒ *O Céu e o Inferno*

1868 ⇒ *A Gênese*

Allan Kardec desencarnou em 31 de março de 1869, em Paris, pelo rompimento de um aneurisma aos 65 anos incompletos, em plena atividade Espírita. Legou à humanidade a Codificação Espírita e um exemplo de vida digno de um verdadeiro cristão.



¹ Frase de Alexander Pope em homenagem a Isaac Newton. "A natureza e as leis da natureza estavam ocultas na noite. Deus disse: faça-se Newton! E tudo tornou-se luz". Frase contida no livro *História da Filosofia*, Giovanni Reale - vol. II pag. 183 - Editora Paulus. Parafraseamos para homenagear Kardec.

Para saber mais, consulte:

- 1) Allan Kardec - *Obras Póstumas* - 2ª parte - "Minha Iniciação no Espiritismo", pg. 201 - Ed. Feb.
- 2) Therezinha Oliveira - *Curso de Iniciação ao Espiritismo* - cap. 28 - Ed. CEAK.
- 3) Jorge Rizzini - *Kardec, Irmãs Fox e outros* - pag. 23 à 41.
- 4) Canuto de Abreu - *O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária*. Pág. 99 e 100.
- 5) Zéus Wantuil e Francisco Thiesen - *Allan Kardec (Meticulosa Pesquisa biobibliográfica)*. vol. I, II e III - Ed. FEB.
- 6) Palhano Jr. - *O Fantasma de Hydesville*.
- 7) Arthur Conan Doyle - *A história do Espiritismo* - cap. IV.